

Ano 9, Vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 138-162.

## **CURRÍCULO E CULTURA: O CONTEXTO AMAZÔNICO NA PRÁTICA EDUCACIONAL**

Renato Pinheiro da Costa  
Damião Bezerra de Oliveira

### **RESUMO**

A discussão em torno do “Currículo e cultura: O contexto amazônico na prática educacional”, foi produzida pela necessidade de refletir sobre o contexto da cultura e educação da região amazônica, a fim de pensar o currículo escolar levando em conta os saberes específicos que envolvem a vida de alunos e professores implicados nos processos sócio-educativos. Desse modo, este ensaio tem como objetivo refletir sobre a articulação do currículo escolar conectado com a realidade sociocultural das populações da Amazônia. Nesse sentido, sua escrita está pautada no método de pesquisa bibliográfico, embasados em autores que privilegiam a temática dos saberes culturais, que tem sido uma discussão que surge com grande regularidade, pois é percebido que por muito tempo essa questão foi sendo deixada de lado no processo educacional, que visa atender aos interesses neo-liberais de globalização. No entanto com as novas discussões e tendências educacionais é requerido que durante o processo de construção do currículo escolar a realidade sócio cultural do educando seja utilizada para ajudar no processo ensino/aprendizagem, o que possibilita a inclusão dos saberes culturais amazônicos nessa organização curricular.

**PALAVRAS CHAVES:** Currículo. Educação. Saberes culturais. Amazônia.

## **CURRICULUM AND CULTURE: THE AMAZONIAN CONTEXT IN EDUCATIONAL PRACTICE**

### **ABSTRACT**

The discussion that surrounds “Curriculum and culture: the Amazonian context in educational practice” was raised by the necessity of thinking about the context of the Amazonian region culture and education, in order to think of the school curriculum by considering the specific knowledge that wraps lives of pupils and teachers involved in the socio-educational processes. Thus, this essay aims to discuss the school curriculum related to the socio-cultural reality of Amazonian populations. Therefore, this work is based on a bibliographical research method, supported by authors who work on themes that involve cultural know-how that has been a discussion that emerges with great regularity, as it is perceived that for a long time this question has been set aside of the educational process, which aims at serving to the neo-liberal globalization interests. However with the new discussions and educational trends, it is required that – throughout the curriculum design process – the socio-cultural learner’s reality must be taken into account in order to help in the teaching/learning process, what makes possible the inclusion of Amazonian cultural know-how into this syllabus design.

**KEY-WORDS:** Curriculum. Education. Cultural know-how. Amazon.

## **CURRÍCULO Y CULTURA: EL CONTEXTO AMAZÓNICO EN LA PRÁCTICA EDUCACIONAL**

### **RESUMEN**

La discusión con respecto al "currículo y cultura: El contexto amazónico en la práctica educativa" fue creada tras la necesidad de reflexionar sobre el contexto de la cultura y educación de la región amazónica, cuyo objetivo es pensar en el currículo escolar teniendo en cuenta los saberes específicos que envuelven la vida de los alumnos y profesores implicados en los procesos socioeducativos. De este modo, este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre la articulación del currículo escolar logrando una buena comunicación con la realidad sociocultural de las poblaciones de la Amazonia. En este sentido, su escritura está pautada en el método de investigación bibliográfica, basada en autores que privilegian la temática de los saberes culturales, que han sido una discusión que surge con gran regularidad, pues se ha percibido que por mucho tiempo dicha cuestión ha sido olvidada en el proceso educativo, que señala atender a los intereses neoliberales de la globalización. Sin embargo, con las nuevas discusiones y tendencias educativas, se requiere que durante el proceso de construcción del currículo escolar la realidad sociocultural del educando sea utilizada para ayudar en el proceso de enseñanza-aprendizaje, lo que posibilita la inclusión de los saberes culturales amazónicos en esta organización curricular

**PALABRAS CLAVES:** Currículo. Educación. Saberes culturales. Amazonia.

### **1. Considerações iniciais**

O tema concentrado na relação entre currículo e cultura privilegiou como objeto de refletir sobre a articulação do currículo escolar conectado com a realidade sociocultural das populações da Amazônia, desse modo a discussão foi concentrada no campo da cultura e educação, propondo-se possibilidades de pensar o currículo levando em conta a cosmovisão e os saberes específicos que envolvem a vida de alunos e professores implicados nos processos sócio-educativos. Desse modo, partimos do pressuposto que a educação e o currículo não podem ignorar tais circunstâncias espaço-temporais, o ambiente existencial dos educadores e educandos, de modo que se faz necessário procurar saídas para interconectar as pretensões universalistas do currículo com as particularidades vivenciadas como evidencia Forquin (1999).

No interim do debate educacional sobre saberes culturais, produzido nos documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, defendeu-se que toda proposta curricular tem que se debruçar com a compreensão sociocultural. Entretanto, foi deixada de lado uma discussão mais ampla sobre a necessidade de inspecionar a historicidade existencial dos sujeitos a fim de melhor entender a realidade do tempo presente.

É do interior desse horizonte compreensivo que se partirá para buscar o sentido existente e possível de um currículo centrado nos saberes que definem a(s) identidade(s) dos homens e mulheres da Amazônia. Tem-se a consciência que o termo “Amazônia”, por si mesmo, sugere uma identidade factícia, pois ele comporta no seu interior muitas diferenças, um universo sócio-cultural heterogêneo.

Passemos, pois, a descrição e compreensão de algumas imagens da Amazônia, vista enquanto espaço físico-natural, mas particularmente como sócio diversidade cujo entendimento exige uma visão que integre natureza e cultura. Esta moldura geral visa fornecer o referencial para melhor esclarecer o tema e o objeto desta discussão.

Não há como falar da Amazônia sem configurar a sua situação geográfica. Grande parte do imaginário a respeito da região funda-se na sua espacialidade, nos seus predicados naturais hiperbólicos, embora, em contraste, esteja também relacionada a ela a idéia de grandes problemas fundiários, de desrespeito aos direitos políticos, econômicos, sociais e educacionais das populações nativas.

No dia-a-dia da realidade amazônica, a natureza e a cultura são pensadas ora integradas no modo de vida nativo, ora ameaçadas pela exploração capitalista, pelos grandes projetos de desenvolvimento, pelo colonialismo predador interno, enfim, pela lógica da cultura científico-tecnológica que marca a própria instituição escolar e o currículo modernos.

A Amazônia é uma região da América do Sul, definida pela bacia do rio Amazonas e coberta em grande parte por floresta tropical. Boa parte de seu território, cerca de 60%, está no Brasil, e por seu potencial econômico, turístico, florestal, mineral e hídrico, desperta interesses comerciais e/ou altruístas de preservação do meio ambiente por parte de corporações, indústrias, ONGs, políticos, enfim, grupos e pessoas que vêem a Amazônia como um lugar que precisa ser mais bem explorado, mas também preservado.

Além da diversidade da fauna e da flora que são tomados como referências para as discussões sobre preservação do meio ambiente, na Amazônia, também existem pessoas que compõem a sua diversidade humana e participam da composição dessa diversidade. Antes mesmo da colonização esse universo humano multiforme - com suas expressões culturais e educacionais - já fazia parte do seu cenário, como é o caso dos povos indígenas nativos da região. Durante o processo de colonização do Brasil,

diversos grupos que foram se fixando na região e reconstruindo as suas identidades, como é o caso dos ribeirinhos, quilombolas, imigrantes, aventureiros etc. Além desses e dos que inicialmente se mesclaram às povos nativos, tem-se os imigrantes europeus e asiáticos e os migrantes das várias regiões e estados brasileiros. Essa totalidade complexa e híbrida exibe-se como um interessante mosaico que mostra traços peculiares de cultura em geral e de saberes particulares.

Afora as culturas indígenas que ainda permitem enxergar certas peculiaridades de origem, os modos locais de vida na Amazônia se constituem de elementos múltiplos e não isoláveis na sua proveniência. Não é mais possível falar de modo mecanicista de uma exterioridade que forma a interioridade, nem se pode efetuar uma espécie de mapeamento do que seja, em si, cada partícula cultural integrante do todo. O universo amazônico é uma síntese, uma nova totalidade cultural que se expressa enquanto tal nas suas múltiplas manifestações.

Faz-se necessário, pois, redefinir a compreensão de cultura e educação a fim de apresentar um projeto curricular que seja capaz de atender a complexidade da situação sócio-antropológica da Amazônia.

O currículo das escolas da região amazônica precisam incorporar na sua lógica os modos de viver da população local, considerar os traços culturais peculiares, com relação as formas de falar, de se alimentar, dançar e se expressar artisticamente.

No Brasil, a discussão acerca da riqueza cultural do país e as suas repercussões nas políticas culturais e curriculares ainda é incipiente. Isso reflete a preocupação do sistema de ensino que se volta prioritariamente para a realidade dos grandes centros. Os estudos costumam se interessar pela questão cultural de forma mais abrangente como: etnia, raça, religião etc. É dada pouca atenção às realidades regionais, prova disso é que a cultura Amazônica apesar de amplamente estudada por pesquisadores estrangeiros e de outras regiões do País, é pouco pesquisada por investigadores residentes. No que se refere às políticas educacionais, tais estudos são, em geral, deixados de lado. Daí porque as propostas curriculares, via de regra, deixam de fora ou incluem de modo inconsistente a cultura e os saberes identitários da região.

Apesar disso, acredito que o ensino regionalizado a partir das manifestações culturais específica da Amazônia, tem muito a contribuir com a melhoria do aprendizado e da qualificação do ensino nas escolas públicas. Além disso, um currículo

organizado assim, poderá despertar o interesse do educando para atividades artísticas de caráter folclórico, possibilitando a valorização e preservação da identidade cultural da população, que por causa do contato com outras manifestações de outras regiões e povos, perdeu muito de suas características. O currículo e a escola poderão ajudar na tarefa de valorização e o resgate dos valores culturais da população, assim como na modificação de aspectos da realidade que possa enriquecer a existência e fazer o home ser mais.

Este trabalho construiu-se a partir dos pressupostos anteriormente expostos, querendo tematizar às relações entre cultura, currículo e saberes amazônicos. Discutimos até que ponto esses elementos são relevantes para o processo de construção de uma proposta educacional diferenciada no currículo escolar das instituições educacionais dos municípios dos Estados amazônidas. Defendemos a idéia de que a recuperação de alguns aspectos do processo histórico dos povos da região, da sua memória histórica e cultural pode trazer contribuições inestimáveis no auto reconhecimento das identidades, relevante de modo especial para as gerações mais novas.

Destarte, a produção da reflexão em torno da construção do currículo que considere os saberes locais amazônicos foi sendo traçada averiguando documentos e fontes bibliográficas, analisadas a partir da abordagem fenomenologia e hemeneutica, levando em conta os elementos qualitativos e a busca aprofundada do sentido do objeto de investigação, a fim de buscar repostas para a indagação: O currículo do ensino fundamental incorpora os saberes da Amazônia em seu contexto e de que modo essa incorporação é justificada tendo em vista os aperfeiçoamentos dos processos de ensino-aprendizagem e da qualidade do ensino em geral?

## **2. A prática educacional e curricular da sala de aula**

Nos últimos tempos as escolas da rede pública têm sido impelidas a incluírem em seus currículos a discussão em torno da cultura como forma de resgatar da memória dos povos que constituem a nossa expressão nacional: indígena, africana, ribeirinha, cabocla, européia, em fim, aquilo que nos caracteriza como povo, para que assim se criem meios e condições para resistir a devastação cultural trazida com a globalização

que nos coloca em contato com tantas outras culturas de outros povos, o que leva a população a perder sua identidade de raça e de povo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no volume que trata da questão da pluralidade cultural e orientação sexual, enfatiza a questão do currículo voltado para a abertura à cultura dizendo:

Lembrando que os Parâmetros Curriculares Nacionais representam um primeiro nível de concretização curricular, é importante salientar que cabe às equipes técnicas e aos educadores, ao elaborarem seus currículos e projetos educativos, adaptar, priorizar e acrescentar conteúdos, segundo sua realidade quanto ao nível de desenvolvimento dos alunos.

As condições básicas para o desenvolvimento do tema transversal da Pluralidade Cultural são:

- Criar na escola um ambiente de diálogo cultural, baseado no respeito mútuo;

- Perceber cada cultura na sua totalidade: os fatos e as instituições sociais só ganham sentido quando percebidos no contexto social em que foram produzidos; e [...] (BRASIL, 1998, p.95)

Muito embora os PCNS sejam vistos por muitos educadores como um empecilho para a valorização dos saberes de cada região, por pretenderem homogeneizar o currículo independente das diferenças presentes em toda territorialidade brasileira, entretanto, nele também, a questão cultural é vista como um forte fator que deve ser utilizado no processo ensino/aprendizagem, haja vista poder ser ele a ponte que liga a realidade do educando com a teoria das salas de aula, estabelecendo uma interação entre teoria e prática para facilitar o entendimento do aluno nos estudos.

A ênfase dada à questão cultural nesse processo educacional é muito importante, porque a partir dele o educando estará percebendo que faz parte de um processo social, histórico, cultural. Evidenciar ainda mais o enredo cultural no ensino das escolas públicas seria uma alternativa para estreitar a relação do educando com o aprendizado, ou seja, além dos temas gerais como etnia, religião, movimento artístico etc., tentar situar estes universos diversificados em um contexto regional. Desse modo estaria dando mais fundamentos ao objeto de estudo, no caso a cultura situada em uma dada realidade, em um determinado contexto.

Neste caso mostrar ao educando que ele e a escola estão situados num ambiente que faz parte de suas identidades, irá possibilitar mais segurança e facilidade no aprendizado, além de contribuir para a construção de uma identidade firmada em valores correspondentes a sua gente, ao seu sistema social. Pois, a crise da identidade atual é caracterizada por HALL (2005, p.9) com uma “[...] fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade [...]” o que leva o

indivíduo a um “[...] deslocamento ou descentração do sujeito[...]”. O que nos leva a crer que as instituições de ensino são promotoras de ações que conduzam o educando a se encontrar no mundo, desse modo, seu currículo precisa estar conectado com a realidade local, para que o educando se sinta parte da sociedade onde habita.

Uma das formas para que essa finalidade seja alcançada passa pelo aprofundamento do currículo escolar, isto é, no processo de elaboração do currículo que sejam inseridos temas regionais para que outras discussões das questões como: classe social, gênero, sexualidade, etnia etc., tenha um entendimento mais claro, pois, a noção de raça na contextualização sulista, não será a mesma para a compreensão amazônica, posto que, no processo histórico e de socialização ambas regiões tiveram diferentes formas de organização. A demais, outras atividades inerentes a questão curricular podem se organizadas para que este tenha um alcance maior, com a criação de espaços de discussão com temas regionais, cursos e oficinas voltadas para esta questão, promoção de eventos folclóricos, caracterização do ambiente escolar com pinturas regionalizadas, gravuras etc., ações que complementem tudo o que envolve o currículo e que podem levar a uma reflexão da questão cultural amazônica.

Por isso, a discussão em torno da questão da ampliação do currículo escolar que em seu processo de execução envolve articulação com a comunidade, trabalhos dentro e fora da sala de aula, caracterização do ambiente escolar, abordagem dos temas transversais e interdisciplinares, são fundamentais na busca de aperfeiçoamento da educação. Porque materializando a inclusão dos assuntos regionais já estabelecidos pelos documentos que orientam o ensino da educação básica, um grande avanço pode ser notado no processo educacional.

Essa versatilidade nos leva a refletir primeiro sobre a compreensão de currículo concebendo-o como um conjunto das atividades que abrange diversas modalidades do ensino no ambiente escolar, e que tem grande influencia na vida do educando, seja no campo familiar, profissional, social, afetivo etc. Essa formação, adquirida no ambiente escolar, de modo geral deverá ajudá-lo a viver bem na sociedade, com qualificações e competências para uma carreira profissional, abertura para relações interpessoais, zelo para com os deveres com a sociedade e consciente de seus direitos de cidadão.

Embora o currículo, diga respeito à vida escolar, ele terá uma influencia direta na auto-realização da pessoa e no desenvolvimento da sociedade, pois, é para esta finalidade

que a escola no seu processo formativa deve estar preparando o cidadão. E óbvio que esta finalidade só se alcançará a partir de uma orientação capaz de contribuir com formação profissional e moral do educando, processo que embora seja papel da escola, mas necessitará de um currículo que envolva o contexto familiar e social do educando.

Ampliando a compreensão de currículo, podemos ainda, utilizar da explicação de Apoluceno e Texeira (2004, p.24) que vêem o currículo como “[...] um plano para desenvolver um conjunto de experiências de aprendizagem, para alcançar amplas metas e objetivos específicos, por uma população identificada de uma unidade escolar.” Por esta assertiva das autoras, chegamos ao entendimento que o currículo como plano que abrange as experiências de aprendizagem, ele sai do nível da formalidade estruturada e se torna uma estrutura de ensino formal aberta, envolvendo a participação de técnicos, profissionais e a representação de categorias.

Esta explicação avança no entendimento do currículo, porque acrescenta a palavra: “plano”, o que precisa ser levado em consideração quando se está formulando uma proposta curricular, pois o currículo não é neutro, ele é sempre parte de uma tradição seletiva de algum grupo, sendo produto de tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas de um povo.

O currículo planejado, embora corresponda aos anseios da escola e as metas que se espera alcançar, não pode ser considerado a totalidade da prática educacional. Pois a instituição é formada de pessoas e elas têm uma dinâmica própria, por isso é necessário o currículo escolar estar preparado para sofrer possíveis modificações e estar sendo adaptado a diversas situações decorrentes do processo educacional. E nessa questão da abertura da prática de adaptação do currículo no processo educacional que alcançamos uma segunda questão que é a inclusão de temas inerentes à vida do educando e da comunidade onde a escola está inserida.

Para uma contextualização da prática pedagógica a escola precisa estar alinhada com o cotidiano dos que fazem parte do seu contexto, e uma das possibilidades para a realização desse envolvimento é a inclusão dos temas regionais no currículo das instituições públicas de ensino. E sendo que estamos em uma região de características peculiares, no caso da Amazônia, por que não utilizar sua diversidade de lendas, de floresta, de organização do trabalho, de modo de produção, de organização social de

determinados grupos comunitários etc., para contribuir no processo de formação das instituições de ensino e na organização de um saber que possa ser reconhecido e formalizado.

Na Amazônia a dinâmica da vida se mistura ao modo de produção, a forma de organização social, a floresta, ao modo como as pessoas se comportam e se comunicam. Tudo faz parte de um conjunto muito bem harmonizado como diz Oliveira (2004, p.30):

As comunidades rurais-ribeirinhas apresentam traços característicos afins e heterogêneos, que desenham suas paisagens identitárias sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais num mapa amplo e complexo, que caracterizam as sociedades rurais amazônicas pela diversidade e multiculturalidade.

Estas características identitárias e muitas outras mais denotam uma forma de saber articulado, com signos que o amazônida sabe identificar e interpretar, coisa que ele adquiriu e aprimorou através do contato, observação e repasse de informações. Esta forma de conhecimento expressada na forma da organização das pessoas da região foi sendo construída ao longo de sua existência, repassada de pai para filho através de gerações, o que constitui um arcabouço cultural da região, ou seja, a estrutura que caracteriza o povo amazônida e todo esse conhecimento precisa ser estudado e aprimorado.

As instituições de ensino podem contribuir nesse processo de aprimoramento e estudo da cultura amazônica para que o modo de vida das populações amazônicas não se enfraqueça e venha a mudar de configuração no contato com outras culturas de outras regiões do país, mas permaneça autêntica e sólida, capaz de ser identificada de longe, por sua característica artística, religiosa, folclórica, de modo de produção, de relação entre as pessoas, da fala, enfim, de meios que caracterizam o povo amazônida. O currículo escolar oficial com um forte meio de repasse e construção de conhecimento e informação, em seu processo democrático de construção pode contribuir nessa empreitada articulando e inserindo os temas regionais amazônicos em seu conteúdo.

No ensino fundamental essa articulação pode ser mais bem feita haja vista ele ser municipalizado, e por se tratar de um aspecto regional, no município as escolas através da comunidade escolar teriam maior facilidade de indicar quais os temas e assuntos poderiam estar sendo eleitos para o estudo nas salas de aulas. Deste modo, em um currículo comum oficial encaminhado às escolas de ensino fundamental dos municípios teria a possibilidade de afunilar o estudo voltando a atenção para uma questão mais local.

Por exemplo: uma manifestação folclórica cultural do município que pode constituir um objeto de estudo histórico, antropológico, literário, filosófico, artístico etc., seria valorizado, levando os educandos a conhecê-lo melhor e sentir orgulho de fazer parte de sua organização, dando ao aluno das escolas públicas e a toda a comunidade o sentido de pertença o que os levaria a um fortalecimento da identidade cultural.

A estruturação do currículo do escolar articulado com os temas regionais voltados para a questão dos saberes amazônicos, muito pode contribuir na melhoria do ensino, pois os educandos teriam materiais mais a mão, tais como objetos de estudos de fácil acesso e de sua compreensão, o que oportunizaria a organização de uma linguagem simplificada favorecedora do processo ensino/aprendizagem.

### **3. Instituição escolar: possíveis espaços da manifestação dos saberes**

As teorias educacionais do currículo têm produzido discussões no sentido de promover a descentralização das concepções que produzem a ideia de escola, e ao mesmo tempo, também, tem aberto o campo para a promoção da inclusão de temáticas que em tempos atrás não eram aceitas no contexto formal das disciplinas escolares. Por isso é proposto nesse bojo a abordagem de conteúdos mais comuns aos educandos, como é o caso dos saberes oriundos de suas vivências sociais, familiares, culturais etc. E se tratando de educação a escola é o local em que este projeto pretende ser desenvolvido, pois é nela que formalmente está instituída a formação qualificada para a população, daí a importância de seu espaço ser para abrigar as diversas formas de saberes que constitui o objeto cultural da sociedade.

No entanto, a escola tem barreiras estruturais para assumir conteúdos de natureza popular, porque, enquanto instituição tem uma função educativa regulamentada por órgãos de estado, desse modo, esta educação tem o papel formal a ser cumprido como bem esclarece Braga (2004, p.107) quando diz que:

A função educativa da escola está centrada no conhecimento público, compreendido a Ciência, a Filosofia, a Cultura e a Arte, que podem ser utilizadas como ferramentas para analisar e compreender o processo de socialização reprodutora.

Ou seja, o formalismo científico que o sistema educacional tem impregnado na sua estrutura técnica e é utilizado para selecionar os temas a serem estudados no fundo esconde o processo reprodutor do sistema social, que faz com que grupos se perpetuem no poder. Além deste serve para acomodar os que estão inseridos no processo de formação das instituições de ensino, posto os conteúdos serem construídos de maneira a terem respostas instantâneas, sem muita argumentação ou criatividade, tudo para não se ter muito trabalho e facilitar a avaliação qualitativa. Não obstante, o conteúdo escolar tirado de fontes não oficiais, como é o caso dos saberes culturais, exige dedicação e esforço para esmerilar ao ponto de deixá-lo na forma mais apropriada para o debate educacional.

E é até compreensivo o fato de a instituição escolar ter certa resistência em incorporar em seu currículo determinados temas referentes aos saberes, pois ela, a instituição foi pensada desde sua origem para o ensino de conteúdos que pode ser medidos, comprovados, questionados... e os saberes regionais em específico os da Amazônia estão muito mais ligados ao campo subjetivo, pois está se tratando de cultura popular. Contudo o que não é percebido que este conteúdo subjetivo carrega consigo uma série de outros conteúdos que constituem conhecimentos científicos, físicos, antropológicos, geográficos, históricos, teológicos etc. o que constitui uma riqueza de abertura para a criação de novas teorias e grandiosas produções. Contudo essa é uma discussão que faz parte de um cenário social da educação que trata da relação de poder do saber, pois dificilmente se admitirá o estudo que questões da ciência moderna estudada a partir da ótica do caboclo ou do indígena, mas fundamentado nas leis e nas experiências que utilizaram máquinas e recursos sofisticados de célebres nomes de academias universais. A estrutura desse processo de comportamento das instituições escolares frente ao modo como se desenvolve o fenômeno educacional com relação aos assuntos abordados nas salas de aulas são muito questionados visto não darem espaço para participação de outras formas de conhecimento como salienta Moreira (1994, p.40) enfatizando que:

[...] tanto as discussões sobre os processos cognitivos e de mudanças conceitual, como as discussões envolvendo a construção social do conhecimento colocam e pautam o problema das relações entre conhecimento comum ou cotidiano e conhecimento científico ou acadêmico, discussão essa que perpassa tanto as ciências físicas quanto as ciências sociais.

A saber, para o autor, a discussão em torno da problemática da produção do saber escolar está focada na aceitação da construção social do conhecimento, por não

estar no plano da produção acadêmica científica o que reforça a discussão de dominação em que o sistema educacional está envolvido, tanto que os currículos são construídos de modo a incentivarem sua não implementação no estabelecimento de ensino, pois o que é mais fácil, utilizar um conteúdo que já está pronto, ou gastar tempo e investimento econômico e de pessoal para adequar ou reformular um currículo com temáticas que ainda precisam ser investigadas o que demanda repensar a política da instituição no que concerne a participação e na forma de administração do seu espaço educacional. No entanto, MOREIRA (2002, p.42) ressalta ainda que:

[...] a necessidade de que a sociologia valorize e estude detidamente o imaginário e o discurso da vida de todos os dias, instituindo uma epistemologia do cotidiano, pluralista e relativista, que se proponha a não diminuir a polissemia e a fragmentação da existência cotidiana em nome da racionalidade científica.

Nesse sentido, considera-se a importância dos saberes popular, o que dá bases para a instituição educacional utilize este conteúdo como conhecimento válido para ser trabalhado em sala de aula, saindo do habitual conteúdo repassado pelos órgãos educacionais, passando do estágio submisso das escolas ao nível de auto-suficiência no planejamento de seus ideais educacionais. Assim sendo, a abordagem de temas voltados para a questão cultural regional é a opção que pode dar novo sentido ao currículo escolar, pois, deste modo estará se explorando o universo mais familiar, que certamente tem muitos signos esperando serem interpretados numa perspectiva acadêmica formal e a escola pode ser uma das tantas pontes para integrar o conhecimento científico oficial com o conhecimento popular das comunidades amazônicas ávidas de espaço para serem projetadas para o ambiente da pesquisa e do embate acadêmico.

O sistema educacional pode crescer dando novos rumos para a produção da pesquisa, para tanto, os projetos elaborados têm que abrir possibilidades no curso regular de sua caminhada, abrangendo outras óticas para a apreensão do conhecimento. Esta reorientação da prática educacional não acontecerá facilmente, pois ela requer rompimento com as práticas dominadoras que patrocinam o sistema educacional através da produção de livros e materiais didáticos carcomidos, que foram pensados no contexto positivista ocidental, por ser mais fácil sua abordagem e elaboração, que já teve seu momento de glória, mas agora necessita abrir espaço para outras formas de abordagens epistêmicas. Portanto, o planejamento educacional, agregado aos valores dos saberes culturais amazônico mudará o estilo de pensar a educação no país, e mesmo a forma de

conceber o conhecimento, pois o normal é os estudos se darem a partir de dados coletados e decorados como se eles fossem verdades únicas que por isso não mudarão nunca, mas com a conotação de construção que se dará ao conhecimento através do cruzamento de informações de diferentes pontos de vista será possível entender que existem diferentes pontos de vista de um mesmo objeto de pesquisa.

O que caracteriza esse modelo de educação dominante é seu modelo global de racionalidade científica, que segundo Santos (1987, p. 10) é assinalado por ser: “[...] um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pela suas regras metodológicas”. Assim, o conhecimento científico é estimulado, através de grupos dominadores da sociedade, a se limitar aos conteúdos empíricos ligados as tendências positivistas e liberais, mascaradas de pós-modernas, mas que no fundo criam barreiras para a construção do pensamento pautado em princípios não convencionais, como é o caso dos saberes culturais vindos da sabedoria popular.

Essa forma de comportamento, discriminatória, em parte de deve pela falsa idéia de superioridade de países que integram grupos hegemônicos que levam a comunidade acadêmica a pensa do jeito que eles estipulam, dando ao conhecimento científico a figuração distanciada da realidade e fria por se impessoal, longe de relacionamento com outras formas de saberes, pois até então acredita-se que este é a única forma confiável de conhecimento porque lida com dados experimentados, baseados em pesquisas incontestáveis realizadas em centros e por mentes que estão além de falhas. Embora, essas sejam premissas que em parte em sua razão, o que não se questiona é qual o grau de alcance do dado pesquisado, se esse resultado é invariável para toda e qualquer lugar em que ele seja aplicado, pois o mesmo objeto analisado na região oeste da Europa e que chegou a um determinado dado, pode não ter o mesmo resultado na região norte da América do sul, por razões climática, geográfica, social etc., ele a pesquisa pode ter diversos resultados de um dado objeto, ou seja, de um único objeto terá diversas formas de análise, e diferentes resultados em sua pesquisa. Deste modo, é necessário lançar mão de todos os tipos e formas de saberes para se chegar a dados seguros e amplos a respeito de objetos de pesquisa, pois não existe uma única forma de conhecimento, ou um único saber, existem saberes preservados na vivencia e na experiência popular e a Amazônia está cheia dessas experiências ricas em conhecimento.

O que se percebe é a resistência da comunidade científica em aceitar a inovação, pois muitos grupos têm medo de perder a hegemonia construída sob os alicerces de modelos e padrões científicos atrasados, pois não querem o desenvolvimento através de técnicas que envolva a diversidade de conhecimento, porque se satisfazem com o produzido convencionalmente. Por isso, é tão difícil acrescentar novos aspectos para a busca do conhecimento pautado no senso comum, pois ele não o modelo racional científico vigente não consegue abstrair desse ambiente comum informação que corresponda ao padrão de aquisição de conhecimento, basta vermos como se dão as práticas educacionais das salas de aulas, ou das rotinas escolares, os conteúdos são apertados no curto espaço de tempo das horas aulas e voltados para o estudo de assuntos que somente passam informações decorrentes do que já foi estabelecido previamente nos livros didáticos.

#### **4. Refletindo sobre a prática da sala de aula**

A presente discussão se faz necessária para não falar abstratamente de como ocorre a apreensão do conhecimento nos estabelecimentos de ensino, mas de fato se mostre a rotina escolar como prova do que se critica a respeito da representação dominadora que estão nas instituições de ensino, e como essa situação pode ser contornada levando em consideração os saberes culturais regionais como forma de busca do conhecimento.

A prática profissional dos educadores hoje em dia vem sendo questionada nos diversos aspectos de seu trabalho, não porque o profissional não esteja desenvolvendo sua função trabalhista, mas porque a ele são disponibilizados ambientes para o trabalho insuficiente, ultrapassadas, e com poucos recursos para desenvolver suas atividades.

O problema não está no desempenho da prática docente, mas nas precárias condições de trabalho para o profissional desempenhar seu trabalho. Pois, em muitas instituições de ensino da atualidade, as condições de trabalho do professor é uma cópia exata da estrutura das instituições de ensino do século XIX, ou seja, o professor está na frente, os alunos estão em fileiras indianas, o conteúdo repassado em alta voz para os alunos é o proposto no parâmetro curricular unificado para todo o país.

Esta forma de educação não é culpa do professor, pelo contrário ele é tanto vítima quando o aluno que sofre com as estruturas dos prédios escolares sem condições de colocar o aluno em contato com o conhecimento, essa realidade faz parte do processo educacional que ainda impera e que com ela traz também a forma de repasse de conhecimento nas instituições escolares. Seria muita visão curta atribuir a deficiência da prática educacional ao profissional da educação, pois o problema está além, está no modelo de educação que o país, os estados e municípios escolheram para nortear seu sistema educacional, o faz com que os profissionais não tenham formação continuada, valorização, liberdade para criar, motivação e tempo para preparar aulas que envolvam o educando motivando-o a participar contribuindo com o processo ensino/aprendizagem.

A discussão em torno da questão da prática docente e de como ela se dá nos estabelecimentos de ensino, que não é melhor desempenhada devido a falta de boa vontade, mas por motivo de um projeto maior que vem sendo desenvolvido no país, nos traz ainda uma questão muito importante, é sobre: como se dá a relação do professor como os saberes culturais? Será que é possível incorporar os saberes culturais na educação estando a escola articulada de forma a atender aos interesses dominadores?

Esses questionamentos são necessários para refletirmos se o sistema educacional quer realmente que as questões culturais, os saberes culturais, estejam envolvidas no processo de elaboração do currículo escolar, isto é, se quer os saberes culturais fazendo parte do processo educacional de nossa gente, pois, parece paradoxal, mas a escola, responsável de formar o educando, está em um ambiente rico em conhecimento, com valores que fazem parte do seu dia-a-dia, mas, ao invés disso prefere fazê-lo pelos meios e métodos escolhidos nos centros urbanos afastados do ambiente cultural regional.

No certo precisamos olhar bem para o ambiente da escola e vermos como a relação instituição e repasse de conhecimento se dá. Parece algo descompassado, fora de ritmo, de um lado a escola segue com a tentativa de reunir a comunidade para a elaboração do planejamento que comporte em seu conjunto as atividades folclóricas, fazendo memória dos feitos históricos, repassado pelo professor que vive os mesmos fenômenos culturais que os alunos, de outro lado temos a instituição que tem um prédio com paredes altas, sem nenhuma planta da região, com grades e portões impedindo a liberdade física e intelectual. Sabe-se que esta arquitetura é necessária para preservar o patrimônio público, mas será que não daria para aproximá-lo do meio em que está

inserido, seja com pinturas e gravuras espalhadas nas paredes ociosas, com plantas e representações da fauna e flora da região, em fim, muito pode se fazer basta ousar, querer ser criativo, e não somente pensar que passar um texto sobre o açaí se estará inserindo o contexto cultural no aprendizado da escola.

Tudo o que é pensado, dito, realizado pelos membros da comunidade escolar faz parte do contexto cultural da região, a não ser que um destes seja recém chegado de outra parte do país, pois mesmos o cidadão que veio de outra região incorpora os costumes locais, deste modo as formas de expressão entre os membros da comunidade escolar são muito parecidos, tanto é que a comunicação entre estes acontece tranquilamente, as pessoas conversam sobre os fatos acontecidos, realizam movimentos e gestos de fácil compreensão de todos, as formas e utilização de objetos são conhecidos por todos (como por exemplo o remo, cuia etc.). Por esse meio fica claro que a abordagem regional é possível de ser concretizada como suporte da educação.

A realidade da escola em nossa região amazônica pode muito bem expressar os valores que temos, e não ficar no anonimato falando vagamente de assuntos que só são exemplificados utilizando o imaginário dos discentes. A região necessita de espaços educacionais que interajam com o meio ambiente, pois como expressa Oliveira (2003, p.23):

Muitas vezes se analisa o espaço amazônico de forma homogênea, desconsiderando-se a sua multiculturalidade e sócio-biodiversidade, desconsiderando-se, inclusive, a identidade de cada povo que vive e convive nesse espaço amplo e diverso, que pode ser caracterizado não como Amazônia, mas como Amazônia. Cada uma dessas Amazônia representa um lugar de determinados autores e grupos sociais, que produzem e reproduzem suas práticas sociais cotidianas, imprimindo assim características próprias a cada um desses lugares.

As múltiplas realidades sociais presentes na Amazônia necessitam ser retratadas através da exploração educacional, valorizando os personagens protagonistas dos diferentes grupos. Com esse ato se agregará ao contexto educacional a preservação e valorização dos costumes do povo que está na mata, na cidade, na zona rural, nos igarapés, e que são parte do conjunto amazônico.

Dizer ser possível transportar a realidade para o lugar da teoricidade que é o espaço escolar é muito difícil, haja vista teoria e prática não caminharem tão facilmente juntas, pois uma tenta se sobrepor a outra. E isso ocorre devido ao fato de as instituições de ensino que temos estão mais preocupadas na prática e com os fins, ou seja, com os

resultados obtidos nas avaliações e não com o real aprendizado que consideram os valores culturais, capacidade de promover pesquisa e argumentação consciente.

O que é pretendido pelo atual sistema educacional é algo parecido com números conquistados por meio de respostas mecânicas estimuladas por conteúdos programáticos tirados dos livros produzidos em escritórios de acessórias educacionais, pois isso é o que compõe o arcabouço teórico dos estabelecimentos de ensino. Não é pretendido olhar a realidade e da prática social regional e aliá-la ao ensino, pois transformar esse conteúdo em educação demora muito e exige muito trabalho, o que conseqüentemente necessita de investimento para pesquisa e do jeito que a pesquisa é patrocinada no país isso fica muito longe de acontecer.

Embora se tenha perdido muito tempo em não optar pelos saberes culturais amazônicos como meio de estimular a produção escolar no que diz respeito à formação dos educando, ainda há chance de melhorar o que temos no âmbito educacional. Pois o que se achava que era cultura regional estudado através das disciplinas chamadas Estudos Paraense e Estudos Amazônicos, não passavam de compilação de textos produzidos para engrandecer as personalidades políticas do Estado, e nunca tratava das manifestações culturais/folclóricas e das riquezas minerais, florestais, aquíferas etc. O momento atual exige a recuperação do atraso educacional para retomar o tempo perdido e mostrar que a região amazônica tem grandeza intelectual para abastecer o ambiente escolar, é necessário através de outras disciplinas como historia, geografia, matemática, sociologia etc., explorar mais a potencialidade da região, as relações que podem ser feitas do material encontrado na região com os conteúdos estudados nas escolas tem infinitas aplicações, muito mais do que limitar em uma disciplina os temas amazônicos.

As salas de aulas das escolas públicas da região amazônica, que devido a concepção de educação imperante no país, assumem em geral um único padrão de prédio poderiam se diferenciar das demais do país pela metodologia de trabalho que incorporasse os temas da envolvendo a região, os sabres culturais, mas devido a organização do currículo ser ainda elaborada de cima para baixo essa concepção parece ser ideológica. Entretanto, se as secretarias municipais de educação, as direções de escolas, os coordenadores pedagógicos, os professores, os alunos e toda a comunidade escolar estarem realmente conscientes da grandiosidade do que podem fazer para mudar a conjuntura educacional, será possível chegar a algumas alterações. Não precisariam ser

grandes mudanças, basta começar pela atitude de aceitar elementos como a fala originária que alguns educandos trazem do seio familiar ou grupo social que pertencem; implementar mudanças nos prédios/escolas fazendo-os ser mais agradáveis a permanência dos estudantes, aceitar a participação da família no processo de construção da escola. Estas e muitas outras atitudes não necessitam de grandes investimentos, mas precisará de empenho, pois toda a comunidade terá que estar afinada falando a mesma linguagem, fazendo campanha pela valorização dos saberes culturais como forma de ajudar na melhoria da educação.

## **5. O currículo envolvido com a realidade sociocultural do educando**

A construção do currículo começa em instâncias de cunho nacional distantes do lugar onde ele será trabalhado, mas tramita por órgãos educacionais de estados, regiões e municípios e nesse processo vai ganhando formas e adaptações, até chegar a escola que deverá adequá-lo à realidade local. Pelo menos, em teoria, esta é recomendação normatizada pelos PCNs, contudo a prática que existem em muitas escolas é que somente a direção com o corpo técnico fazem as organizações necessárias a proposta vinda dos órgãos federais, estaduais e municipais. Ao chegar às mãos dos professores o conteúdo é seguido como uma ementa da disciplina, uma orientação para a preparação do plano de aula ou sequência didática.

Essa prática segue uma tendência que Pimenta e Lima (2011, p.37) classificam como rotina, chegando a ser pejorativa à atividade docente e para o desenvolvimento do ensino. Não se vê além do que está estabelecido, ficando distante a compreensão que o currículo escolar é superior aos conteúdos das disciplinas, é uma soma de ações, condutas, práticas, atitudes, como já foi dito anteriormente. Contudo, mesmo se limitando a compreensão do currículo como assunto estudado nas disciplinas escolares, ainda assim, falta muito para chegar a fazê-lo cumprir seu papel educacional, pois não há envolvimento do conhecimento trabalhado nas disciplinas escolares com a realidade sociocultural do aluno.

O currículo em sua construção tem que envolver os membros da comunidade escolar especialmente o educando, pelo motivo de ele ser a pessoa que receberá a maior carga no repasse das informações, por isso, o educando envolvido no processo de construção do currículo se sentirá responsável pela ação educacional. A participação do

educando motivará a instituição escolar a pensar novas maneiras de repassar as informações contidas nos conteúdos das disciplinas e gerar meios para a produção do conhecimento como propõe Braga (2004, p.111), quando diz que: “O processo de reconstrução do pensamento do aluno requer duas condições: a primeira é ter como ponto de partida a cultura experiencial do aluno; a segunda consiste na criação, na aula, de um espaço de conhecimento compartilhado”.

A participação proposta na formação do educando é uma abertura para seu engajamento na própria política educacional em que está inserido, para aprender a negociar, propor, orientar e ser orientado, a ser membro da comunidade em que faz parte. A presença deste membro ilustre contribuindo com a construção do currículo, representa muito para o crescimento da instituição escolar, pois, através dele pode haver a transposição dos saberes presente na comunidade externa à instituição, o que reforçará o processo ensino/aprendizagem almejado na formação. Porque, através do compartilhamento da sua experiência de vida social e cultural é que a escola terá o material ideal para o trabalho de relacionamento com a comunidade e reorientação de seu currículo para trabalhar os saberes culturais de forma consistente, o que permitirá também em classe trabalhar sem muitas formalidades e descontraído partindo do cotidiano do educando, o que não exige o rigor educacional de estar presente, pois quando se fala trabalhar a partir da realidade sócio cultural do educando parece haver o equívoco de utilizar qualquer conteúdo ou levar a aula na conversa, sem método ou procedimento técnico profissional, o que é um grande engano. Trabalhar a partir da realidade é muito difícil e exige muita preparação profissional, pois os signos, as informações, os dados contidos nos saberes culturais são difíceis de serem trabalhados e necessitam de pesquisa e experiências rigorosas, caso contrário corre-se o risco de haver o inverso do que se almeja no processo educacional, se não o educando e a própria comunidade escolar achará que esse recurso foi utilizado para reforçar a má vontade em educar da escola, o despreparo do professor e a preguiça dos alunos.

Para tanto a comunidade escolar precisa estar participando do processo educacional da escola, com seu engajamento as dificuldades serão vencidas e as más impressões sobre o que pode ser conhecimento oficial serão superadas, porque todos estarão envolvidos pela educação. Pois como analisa de Correa (2006 p. 167):

Essas populações vivenciam determinadas situações peculiares [...] Esse conjunto de saberes, de experiências e de tecnologia, acumulado no cotidiano das relações sociais dos sujeitos do campo, deve ser incluído como conhecimento válido a ser utilizado em seus próprios processos formativos [...] Por esse motivo, professores, estudantes, pais, membros da comunidade... enfim, todos, sem exceção podem e devem ser envolvidos na construção coletiva do currículo. [...]

A partir da experiência do autor percebemos que a participação da comunidade escolar é um fator incondicional para a melhoria da educação, a presença da comunidade no estabelecimento de ensino é uma forma estratégica para haver a pluralização do currículo, além de faz parte das novas tendências que buscam melhorias na educação, propondo um ajuste na conduta educacional, sugerindo a descentralização e a democratização como meio de alcançar tais avanços. A orientação da metodologia na elaboração do currículo escolar assumindo as vertentes da descentralização e democratização são apelos para a participação da comunidade na construção do saber, pois sozinha a instituição não dá conta de suprir as carências de conhecimento existente em seu interior, será necessário compartilhar com a comunidade a responsabilidade dessa construção. Portanto, abrir as portas para a entrada de novas idéias pode ser a melhor maneira de permitir que os saberes regionais, os saberes culturais amazônicos façam parte do contexto educacional, mas, também, as portas das escolas precisam estar abertas para a saída de seus agentes para fazer pesquisa e interação com o ambiente externo. Assim, essa reciprocidade na entrada e saída de informações e coleta de dados mostrará infinitas possibilidades de apreensão do conhecimento para o ambiente escolar

Uma das coisas que os alunos de um estabelecimento de ensino têm em comum é a realidade sócio cultural impregnada de símbolos, representações, objetos, formas..., esse lugar comum a todos que fazem parte da comunidade escolar merece lugar especial na formação, pois ela em si já forma os seus membros é nesses espaços sociais que a pessoa recebe suas primeiras orientações, quando a pessoa chega a escola já traz consigo os princípios educacionais que adquiriu em casa, com os amigos, com os grupos de sua relação, e mesmo depois de estar na escola, a instituição de ensino não será a única fonte de informação e formação que o educando terá, posto fora do estabelecimento de ensino ele ter uma vida social que lhe possibilita muitos outros meios de adquirir conhecimento, nos espaços de convivência como os ciclos de amizade, outros estabelecimentos de formação não formais como os cursinhos de informática, aulas de reforço, grupos

folclóricos de dança etc., lugares onde o saber está presente dando a pessoa a possibilidade de complementar o que adquiriu na escola.

Embora a realidade cultural amazônica seja homogênea, os grupos socioculturais exteriores à escola são constituídos de normas e regras, com métodos de atuação e trabalho, o educando que faz parte desse universo social cria um padrão de comportamento que o acompanhará para todo lugar que ir, inclusive a escola. Esta por sua vez terá o desafio de unir as diferentes identidades dos educandos para não haverem conflitos no seu interior. No entanto, a instituição poderia trabalhar de outra maneira, não somente na prevenção de conflitos que possam vir a existir por causa das diferentes maneiras de comportamento dos educandos devido sua origem sociocultural. Mas pesquisar sobre a origem sociocultural dos alunos, analisando as distintas formas de relações existentes nos grupos dos quais são oriundos e utilizar esses saberes como fator contribuinte da formação, vendo quais são os valores que podem ser direcionados para os fins educacionais. Esse trabalho, de integrar o currículo e a realidade sociocultural da comunidade, fazendo a junção do conteúdo programático e a prática pedagógica com os saberes vindos de outras instituições sejam elas familiar, religiosa, cultural, em fim, onde o educando está inserido, tornará a interessante a prática educativa dos estabelecimentos de ensino.

O currículo e a realidade social trabalhados em sintonia são meios viáveis para o crescimento educacional que tanto é esperado, pois, muitos teóricos da educação vêm nessa vertente a solução para a falta de estímulo de muitos educandos que sentem a educação longe de si, por tratar de assuntos que não lhe dizem nada. Essa reorientação do método de abordagem dos assuntos necessita de desprendimento do professor do material didático que limita sua criatividade, para tanto o educador necessitará ampliar seus conhecimentos, participar de oficinas, palestras, seminários, formar grupos de discussão etc., buscando outros meios de cativar a atenção dos alunos para sua aula e assim conseguir o fácil entendimento do conteúdo repassado em classe.

## 6. Considerações finais

Os saberes culturais da região amazônica são fontes infinitas de conhecimento, as pessoas que constroem e vivenciam essa realidade demonstram essa riqueza na sua forma de trabalhar, brincar, comunicar, em fim, em tudo o que faz a população amazônica expressa a cultura da qual ela faz parte. A escola como espaço da apreensão e repasse do conhecimento deve estar buscando nessa fonte de conhecimento os meios inovadores para o melhoramento de sua metodologia no processo educacional, dando oportunidade de participação para a comunidade que ela faz parte.

A forma como fazer essa integração pode se dar pelos meios mais variados, seja convocando a comunidade para as assembleias onde terão oportunidade de opinar sobre o que esperam da estrutura que faz parte do seu cotidiano, seja envolvendo os pais, professores e alunos nos conselhos da instituição etc., além destes, uma outra forma de realizar a integração entre conhecimento científico e saber cultural é através do currículo escolar. Este é o meio mais viável de alcançar esse objetivo, pois o currículo envolve em sua globalidade o conteúdo que os professores e alunos irão trabalhar durante o ano letivo nas disciplinas, mas ele não se limita a isso, ele abarca todas as atividades escolares, todas as ações educacionais que o estabelecimento de ensino irá desempenhar partindo de como o currículo foi pensado e organizado.

Para construir um currículo que vá além dos conteúdos ordinários repassados pelas instâncias que organizam a educação no país e dar espaço para a articulação dos saberes regionais é necessário o cumprimento das metas de descentralização e participação sugeridas nos parâmetros curriculares e por autores que abordam essa temática como meio de envolver a comunidade escolar no processo educacional, pois a articulação fazer parte do currículo, pois ele é dinâmico por sua constituição, envolvendo todas as forças presentes no meio onde será construído, para ter o respaldo e o compromisso da comunidade. O processo de construção do currículo referendado pela comunidade escolar tem a além da participação e da descentralização o comprometimento de todos, por isso ele tem tudo para dar certo, porque os que estiveram reunidos discutindo, propondo, analisando etc., não vão querer que todo o seu esforço e trabalho caia por terra, mas que dê frutos.

O espaço concedido através do currículo para a inserção dos saberes culturais é um primeiro passo para o reconhecimento dos saberes culturais com forma de conhecimento, o que pode vir a reparar o prejuízo causado a cultura popular por ela não ser considerada como campo de formação e espaço de apreensão do conhecimento, deixando esta forma de manifestação do saber fora do campo da pesquisa e experimentação, pois esse legado havia sido dedicado somente as áreas consideradas cientificamente viáveis por ser possível em na seu campo de atuação a coleta de dados mais fáceis de serem experimentados, medidos, analisados, como por exemplo os estudos da geografia, matemática, gramática etc.. O que no campo dos saberes culturais regionais se torna difícil posto o conhecimento estar misturado a relevância de cada grupo sócio-cultural estabelecido, o que gera diversidade e por isso precisa ser garimpado para extrair o material ideal para a prática educacional.

A integração entre saber científico e saber cultural voltado para as questões regionais amazônicas pode dar ao sistema educacional a orientação facilitadora do processo ensino/aprendizagem. Os educandos ao se deparem com o estudo de temas complexos acabam desistindo de estudar, mas com a abordagem certa o rendimento escolar pode crescer e a articulação dos conteúdos escolares com a realidade sociocultural dos educandos pode ser o meio para a superação dessa dificuldade. Basta serem deixados de lado os preconceitos com os saberes populares criados pela comunidade científica que acreditam não haver conhecimento no meio popular e somente na academia e nos centros de pesquisa onde eles atuam montando experimentos e ditando as regras para o saber. O que tem que acontecer é os centros de pesquisa descerem até o meio cultural popular e olharem com mais atenção e verão que muitos de seus dados foram coletados no contexto da população. Destarte o sistema educacional pode fazer parte do processo de reconhecimento dos saberes culturais oriundo da sabedoria popular como forma de conhecimento útil a ciências e as práticas educacionais.

As bases do currículo, embora sejam construídas em instâncias distantes da escola, mas ao alcançar as secretarias estaduais e municipais de educação esses órgãos são orientados juntos com os estabelecimentos de ensino a implementares a proposta curricular, posto ser conhecido que o Brasil tem diferentes realidades e somente com a participação popular da comunidade essa diversidade pode contribuir na formação. Seguindo essa mesma linha de orientação, seria ideal para a instituição de ensino no

processo de descentralização e democratização abranger nos conteúdos das disciplinas e na sua forma de organizar o espaço das salas de aulas e outros ambientes da escola os saberes culturais amazônicos para que o educando e todo o resto da comunidade não se sintam em um lugar estranho, mas familiar e convidativo a aprendizagem.

## 7. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998

COLL, César. *Psicologia e Currículo: Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. Editora Atica, São Paulo, 2003

CORREA, Paulo Sérgio Almeida (org.) **A educação, o currículo e a formação de professores**. Belém: EDUFPA, 2006

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais epistemológicas do conhecimento**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999

HAGE, Salomão Mufarrej. (org.) *Educação do Campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará*. Belém: Gráfica e Editora Gutenberg, 2005

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

LOPES, Alice Cassimiro. MACEDO, Elizabeth. *Currículo: Debates contemporâneos*. Cortez. São Paulo: 2002

MOREIRA, Antonio Fábio B. (Org). *Currículo questões atuais*. 4ª ed. Papirus, Campinas: 1997

MOREIRA, Antonio Fábio B. *Currículo e programas no Brasil*. São Paulo: Papirus, 1990.

MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu da. *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 2002

MOREIRA, Antonio Fábio B. (Org) *Conhecimento educacional e formação do professor*. São Paulo: Papirus, 1994.

OLIVEIRA, Ivanilde Apolucena. TEXEIRA, Elizabeth (Org.). *Referências para pensar aspectos da educação na Amazônia*. Belém: EDUEPA, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (org.). *Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizados amazônidas*. Belém: Graphitte, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2011

SACRISTÁN, J.Gimeo. *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. 3ª ed. Porto Alegre: 2000

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: História & Idéias, 1987

SAVIANI, Neride. *Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico*. Campinas SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, Tomás Tadeu da. MOREIRA, Antônio Flávio (org). *Territórios contestados: O currículo e os novos, mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1995

SILVA, Tomás Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: 2004.

**Recebido em 20/8/2017. Aceito em 20/10/2017.**

#### **Sobre autores e contato:**

Renato Pinheiro da Costa - Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará; Professor da Disciplina História da Educação no Campus da UFPA Altamira-Pa; Líder do Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil/Secção Altamira-PA.E-mail: renatopc@ufpa.br

Damião Bezerra de Oliveira - Professor Adjunto na Universidade Federal do Pará (UFPA). Bacharel em Filosofia. Licenciado Pleno em Filosofia. Concluiu Especialização em Docência em Ensino Superior em 2002, Mestrado Acadêmico em Educação em 2007 e Doutorado em Educação em 2013. E-mail: damiao@ufpa.br